

Cooperação científica com a Universidade de Alcalá prevê projetos conjuntos de pesquisa

Acordo com espanhóis na área de parto de cócoras é renovado

CARMO GALLO NETTO
carmo@reitoria.unicamp.br

A Unicamp renovou, por mais três anos, acordo de cooperação na área de parto alternativo (de cócoras) com a Universidade de Alcalá (Espanha). O acordo prevê o desenvolvimento de projetos conjuntos de pesquisa, além de implantação de cursos de ensino a distância via metodologia Teleduc, concebida na Unicamp. As pesquisas, coordenadas pelo professor Hugo Sabatino, do Departamento de Obstetrícia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM),

Pesquisa teve como base 8 mil partos

têm como base o trabalho realizado pelo pesquisador no Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism).

O termo aditivo ao acordo de cooperação entre as duas universidades prevê: 1) administração de curso teórico do método de preparação e de atenção de partos de baixo risco, segundo protocolo seguido pelo Grupo de Parto Alternativo (GPA) do Departamento de Tocoginecologia da FCM da Unicamp, a docentes, residentes e estudantes de medicina da Universidade de Alcalá; 2) ensino prático da atenção de partos de baixo risco em posição de cócoras, segundo método postulado pelo GPA; 3) implementação de pesquisa sobre avaliação de resultados maternos e perinatais de partos realizados em posição horizontal e vertical; e 4) implementação de cursos *on line*.

Sabatino diz que em junho estará levando à Espanha suas experiências sobre o processo de preparação das mulheres para que o parto possa ser encarado da forma mais natural, além das práticas que devem ser aplicadas no parto de cócoras em mulheres chamadas de “civilizadas”, uma vez que o método faz parte das culturas indígenas. Está previsto também o uso de cadeira desenvolvida na Unicamp. Ela pode ser utilizada durante a realização de partos de cócoras como em outros tipos de partos. De

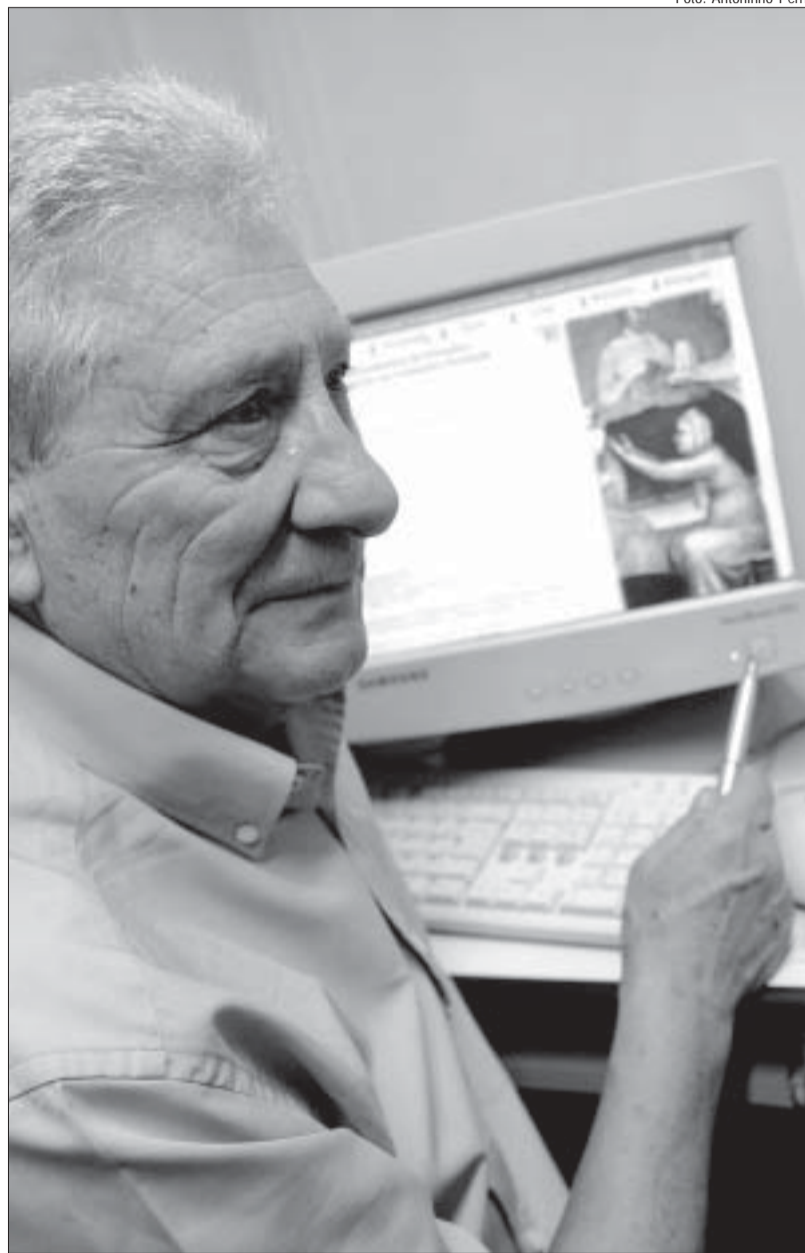


Foto: Antoninho Perri

O professor Hugo Sabatino, do Departamento de Obstetrícia da FCM: trabalhos científicos tiveram início na década de 1980

fácil manutenção, é feita de material de fibra de vidro, o que permite lavagem após o procedimento.

Ainda em junho o pesquisador estará em Lanzarote, balneário espanhol, proferindo a aula inaugural em congresso nacional organizado por parteiras (*matronas*), que

constituem no país uma classe profissional organizada e com significativa representação. Em sua viagem, o professor estará ainda proferindo palestras em Málaga e Madri. Ele considera que “para o Brasil estas participações são importantes porque, de alguma ma-

neira, está sendo invertido o fluxo de tecnologia”.

Pioneirismo – Os trabalhos envolvendo parto alternativo começaram em 1980, atendendo a um grupo de mulheres que procuravam outras formas de parto mais naturais, evitando o convencional, de forma a não se sentirem tratadas como doentes. “Com base em trabalhos já existentes, começamos a estudar a possibilidade do parto de cócoras, tirando a mulher do leito, eliminando a depilação e a lavagem intestinal e permitindo que ela estivesse acompanhada por pessoas de sua escolha, o que causou espécie na época porque contrariava os protocolos estabelecidos”, diz Sabatino. Muitas destas condutas acabaram incorporadas e hoje, por lei, as mulheres podem ter companhia durante a realização do parto.

O primeiro especialista a chamar a atenção para o parto em posição vertical, considerando-o muito mais natural, foi o médico americano Howard, na década de 50, mas sem realizá-lo concretamente. O pioneirismo no mundo considerado “civilizado” coube ao médico Moyses Paciornick, que, em Curitiba, observou que o perineo das índias era muito mais forte que o das mulheres brancas. Isso acontecia, entre outras razões, em decorrência da utilização do parto de cócoras, que passou a adotar em suas pacientes.

“Nós então o adotamos e passamos a fazer uma série de pesquisas, facilitadas pelo fato de militarmos em uma universidade”, diz Sabatino. Dentre essas, o médico destaca duas que considera fundamentais. A primeira, quando, ainda há poucos anos no Brasil, vindo da Argentina, em colaboração com o professor Hugo Fragnito, do Instituto de Física “Gleb Wataghin” (IFGW) da Unicamp, mediu as pressões intravaginais em gestantes e comparou os resultados no parto convencional, na posição horizontal, com os obtidos no parto de cócoras.

Quantificadas essas pressões,

descobriu que na parte superior do útero, em que a mulher precisa de mais força, a pressão era maior quando o parto era de cócoras. Inversamente, a pressão na vagina revela-se menor, o que facilita a saída da criança, quando comparada com os valores obtidos no parto na posição horizontal. O modelo de medida desenvolvido por Sabatino e Fragnito (denominado “Unidades Unicamp”) foi divulgado em publicações internacionais e deu respaldo ao parto de cócoras.

Rigor científico – A segunda pesquisa teve como base 30 mil partos realizados no Hospital de Clinicas da Unicamp, dos quais foram selecionados oito mil, envolvendo pacientes que atendiam plenamente os parâmetros de normalidade e que não apresentaram quaisquer problemas clínicos. Desse universo, 500 tinham sido realizados de cócoras. Os resultados mostraram que as crianças cujas mães as haviam gerado em posição de cócoras nasciam em condições de saúde significativamente melhor, quando comparadas às oriundas de partos horizontais.

Apesar disso, o professor Sabatino reconhece que ainda faltam elementos que permitam atribuir à pesquisa o rigor científico exigido pela academia: “É o que pretendemos perseguir com o acordo de cooperação com a Espanha. Vamos realizar um estudo em que as parturientes serão selecionadas aleatoriamente, de forma a obter elementos que nos permitam conclusões com maior rigor científico. Este será certamente um grande passo, que por várias razões não pudemos dar anteriormente”.

O pesquisador entende que a Universidade cumpriu sua função ao pesquisar o método e demonstrar a sua aplicabilidade, embora nem todos o aceitem por variadas razões, inclusive por não considerarem os dados conclusivos e suficientes. Polemicas à parte, Sabatino acaba de retornar de um congresso realizado em Mar Del Plata, na Argentina, onde apresentou três trabalhos e teve um deles premiado.



Rosalind Garnes rege os alunos do Departamento de Música (à esq.), e ao lado da filha, Soluna Garnes: tambores de aço (detalhe) são confeccionados a partir de barris de petróleo



Fotos: Antonio Scarpinetti

Ao som dos tambores de aço de Trinidad e Tobago

MARIA ALICE DA CRUZ
halice@reitoria.unicamp.br

“O calipso e o samba são perfeitamente harmonizáveis”. Este é um dos motivos que inspiraram a musicista Rosalind Garnes a doar, para o Departamento de Música da Unicamp, dez tambores de aço feitos em seu país de origem, Trinidad e Tobago. O objetivo é propagar o som que ela se acostumou a ouvir e executar desde criança. A rítmica dos brasileiros e o talento dos estudantes de música da Unicamp inspiraram a instrumentista. Mais: sua filha, Soluna Garnes, aluna do curso de música da Unicamp, é a única estudante de tambores de aço no Brasil. A expectativa, de acordo com o chefe do

Universidade pode ter orquestra de tambores

Departamento de Música, Esdras Rodrigues, é formar uma orquestra de tambores de aço, como as existentes em Trinidad e Tobago.

Moldados com martelo, os tambores são confeccionados a partir de barris de petróleo e ganham diferentes timbres, semelhantes aos de diversos instrumentos eruditos, entre os quais o violino, violoncelo, baixo e piano.

Rosalind veio à Unicamp para realizar com estudantes de música um workshop, que se encerrou com um concerto no último dia 11, que foi gravado em DVD por estudantes do curso de Midialogia e será levado a Trinidad e Tobago. Durante o concerto, Rosalind explicou que os instrumentos são usados tanto para execução de música popular

quanto erudita. No repertório, foram apresentadas peças tradicionais de seu país e outras mundialmente conhecidas, inclusive clássicos da bossa nova e dos Beatles.

Os estudantes desvendaram rapidamente os mistérios dos tambores tocados por Soluna no Instituto de Artes, desde 2003, ano em que ingressou na Unicamp. “Parece que esses alunos tocam os tambores há muitos anos. Por serem músicos, a afinidade fica mais fácil”, brinca Rosalind. Como no Brasil não havia esse instrumento, Soluna o trouxe no avião para poder estudar.

Além do aprendizado, o workshop foi uma experiência divertida, na opinião da cantora Claudia Noemi de Oliveira, aluna do quinto ano de canto lírico na Unicamp. A leitura cantada ajudou na execução das peças propostas por Rosalind. “O calipso é muito

empolgante e dá vontade de dançar. É impossível tocar quieto, tem de curtir a música”. A cantora explica que são duas as dificuldades – segurar as baquetas e produzir tecnicamente o som. Ela teve de dar conta de dois tambores para produzir o som do *double second*, que seria o violoncelo numa orquestra. A energia de Rosalind também agradou aos alunos. “A professora é muito divertida e tem um jeito legal de se expressar”, conta Cláudia. “A leitura cantada torna mais fácil a execução”, explica.

Soluna conclui a graduação em 2008, mas falou sobre a possibilidade de permanecer no Brasil. Quando indaga à mãe se vai ou não ficar, Rosalind logo responde: “Sim, ela vai ficar”. A explicação vem em seguida, com um largo sorriso: “Eu quero voltar. Eu gosto do Brasil”.